

Uma Rurbanização nos Contrafortes da Meruoca?

(Ensaio de aplicação de novas categorias em Geografia Urbana)

Modesto Siebra Coelho ¹

RESUMO

Aborda-se aqui uma questão especial: o fenômeno da rurbanização. Enquanto nova forma de distribuição do habitat dos cidadãos e elemento novo no contexto das relações cidade-campo, rurbanização se traduz na fixação nos campos peri-urbanos de residências de habitantes da cidade que passam a morar um pouco mais distante, retornando, em razão do seu trabalho.

Enquanto fenômeno urbano, a rurbanização se caracteriza notadamente por ser um processo de imbricação do urbano no rural e vice-versa, onde as implicações de ordem sócio-antropológicas são tão importantes quanto as geográficas, espaciais ou urbanísticas.

Como ensaio da aplicação do conceito, faz-se um estudo sobre o aglomerado semi-urbano que está se formando nas escarpas da Meruoca por força da cidade de Sobral, no Ceará (Brasil).

RESUMÉ

On parle ici de la rurbanisation. Celà, un nouveau phénomène résultant de l'imbrication du rural dans l'urbain et vice-versa, un processus caractérisé comme une nouvelle façon de distribution d'habitat des citadins. Rurbanisation, c'est la fixation à la campagne péri-urbaine des démeurres des habitants de la ville qui passent à vivre un peu plus loin, retournant en raison de son travail.

Les implications les plus visibles de ce phénomène sont celles d'ordre socio-anthropologique, géographique, spatial et urbanistique.

On arrive à faire des tentatives d'application de ce nouveau concept à travers l'étude du processus d'urbanisation développé dans la Meruoca, périphérie de la ville moyenne de Sobral, au Ceará, (Brésil).

Introdução

Ao primeiro contato com a palavra *rurbanização*, as pessoas, em geral, espantam-se, pensam em possível erro gráfico, propõem alteração. Por favor, não nos corrijam, estamos nos referindo, precisamente, ao termo/conceito *rurbanização*.

Este neologismo, da nomenclatura e do domínio científico do Urbanismo atual, e de outras disciplinas como a Geografia Urbana, a Sócio-Antropologia (Freyre:1982), a Economia Espacial e a Sociologia Urbana, e cuja significação encerra um processo de imbricação do *urbano* no *rural* e vice-versa, é uma terminologia que vem sendo empregada por especialistas, desde o final da década de 70, quando os primeiros estudos

¹Geógrafo, Mestre e Doutorando em "Geographie, Aménagement et Urbanisme pela Universidade de Paris - Sorbonne Nouvelle.

sobre a questão surgiram em universidades européias. A propósito, Lefebvre (1969:67) afirma textualmente que “os geógrafos encontraram, para designar essa confusão, um neologismo, feio porém significativo: *rurbano*”. Enfim, feio como avalia Lefebvre, ou esdrúxulo como acham outros, *rurbanização* é, atualmente, um conceito de uso já sedimentado no campo dos estudos da fenomenologia urbana.

Há quem classifique o fenômeno *rurbanização* como um típico produto da crise urbana e das interrelações próprias no interior da sociedade contemporânea. Há quem opte por explicá-lo sob o signo de teorias relativas à pós-modernidade, entendida esta como um conjunto de crenças e movimento cultural, através do que se busca ou se projeta uma visualização da sociedade do futuro. De nossa parte, no tocante a este trabalho, aspectos filosóficos da questão serão pouco considerados.

Na escala em que nos propusemos a analisar o fenômeno da *rurbanização* e sua evidenciação na Meruoca, o que estará sob foco diz respeito, simplesmente, à noção do fenômeno, sua caracterização e ocorrência no entorno de Sobral, uma cidade da Zona Norte do Estado do Ceará, com 130.000 habitantes. Na verdade, interessa-nos *le premier touche*, a abordagem inicial, a revelação do *sujet d'étude*. Não perderemos de vista, entretanto, a relação direta que esse fenômeno guarda com o crescimento vertiginoso das cidades, com a metropolização, com a concentração de problemas físico-espaciais, sociais e psico-sociais, algumas das características da urbanização do século XX que se finda.

Enxergar *rurbanização* na Meruoca, tentar explicar a categoria científica *rurbanização*, a partir de uma dada realidade, ou identificá-la espacialmente enquanto fenômeno sob alcance da atuação da Casa da Geografia de Sobral, ganha sentido no instante em que, num verdadeiro trabalho de garimpagem, traz-se para a disciplina Geografia a análise de fatos e aspectos que podem restar ignorados enquanto objeto e tema para estudos aplicados de ciências sociais na região. *Rurbanização na Meruoca*, no bojo deste trabalho, antes de ser uma afirmação definitiva é um questionamento inicial e se enquadra como *novas formas* no contexto das *relações cidade-campo*, neste caso, a partir de papel desempenhado pela cidade de Sobral.

As questões suscitadas são, indubitavelmente, curiosas e instigantes enquanto objeto de estudo, tema de pesquisa ou simples fatos a observar na paisagem da Meruoca. A atitude de garimpar temas cientificamente interessantes ganha sentido também enquanto atividade que, partindo de iniciativas amadurecidas pelo grupo de profissionais de Geografia da UVA, através do seu Núcleo de pesquisas urbanas - o NEURB - imbui-se da missão pedagógica de orientar alunos ou iniciantes em pesquisa, de um modo geral, a buscar, complementarmente, no trabalho de campo a sustentação das argumentações que formulam.

E, ademais, deliberadamente, queremos com esta rápida prospecção, cometer a indiscrição de achar que trazendo a lume tais temas, estamos contribuindo não só para

que os leitores destas páginas vejam a área com outros olhos, mas se questionem sobre ela diferentemente da forma como faziam antes.

A Noção de Rurbanização

Em artigos publicados em 1988, primeiro, no Boletim do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba, (Boletim - João Pessoa - PB, Nº 8 - outubro de 1988. p. 35-44), e, posteriormente, na Revista Tecnologia e Ciência, da mesma Universidade, João Pessoa - PB, out/dez. de 1988, pág. 149-153, ambos sob o título *A Noção de Rurbanização*, comentamos que “o neologismo rurbanização, decorrente do recurso lingüístico de junção das palavras rural e urbanização, vem sendo largamente empregado para designar uma forma nova de distribuição do habitat dos citadinos”. Dizíamos também à ocasião que “rurbanização sugere, mais precisamente, a fixação nos campos peri-urbanos de residências de habitantes da cidade que passam a morar um pouco mais distante, retornando, em razão do seu trabalho”.

Rurbanização, deste modo, fundamenta-se nas questões cidade-campo, está relacionada com migração pendular de trabalho e resulta de uma combinação e interdependência de fatores, próprios de uma “ecologia” decorrente do processo plural de evolução do fenômeno urbano, nos tempos atuais, notadamente no âmbito da economia espacial e nos aspectos das relações do *urbano* com o *rural*.

Na verdade, este processo tem implicações conceituais que se assentam em aspectos de ordem sócio-antropológica tão importantes quanto os de natureza geográfica, espacial ou urbanística. Noutras palavras, *rurbanização* é um fenômeno relativo tanto ao comportamento social do cidadão moderno quanto da urbanização em si e enquanto processo e expressão físico-espacial. Em essência, deve-se entender que *rurbanização* é, eminentemente, um processo de desenvolvimento sócio-econômico e não apenas a alocação e o desenvolvimento físico-espacial de uma urbanização. E, no plano sócio-econômico, sustenta Freyre (1982: 33), “combina como formas e conteúdos de uma só vivência regional, valores e estilos de vida rurais e valores e estilos de vida urbanos”.

Fruto de pressões construídas sob o espectro dos mais diversos problemas sociais, a cidade contemporânea está explodindo de muitas maneiras e em muitas vertentes. É foco de violência, de desemprego, de estresse.

“Nossas cidades já não crescem mais somente absorvendo progressivamente o campo imediatamente contíguo à aglomeração urbana. Elas dão origem, num vasto raio, a extensões disseminadas que apresentam uma parte considerável de construções novas”, ensinam Bauer e Roux, a propósito de estudos do fenômeno da *rurbanização* nos arredores de Grenoble.

E segundo os mesmos autores, o *espaço rurbanizado* não é o subúrbio. Enquanto o subúrbio caracteriza o já referido desenvolvimento em forma de “mancha de óleo”

da cidade, o espaço *rurbanizado* se notabiliza pelos níveis de imbricação e de interrelação entre espaço rural e espaço urbano, independentemente da questão da contigüidade no processo de crescimento da cidade.

O espaço *rurbanizado* pode até estar longe da cidade. As auto-estradas, as estradas de ferro, geralmente, desenvolvem novas possibilidades de migrações pendulares, mas um sítio qualquer, considerado agradável, pode também difundir a *rurbanização*. O campo *rurbanizado* permanece visualmente um campo pela importância dos espaços agrícolas, pela fraca densidade populacional e pela baixa presença de equipamentos coletivos. Ele permanece um espaço rural.

Ainda no mesmo artigo, a propósito de estudos de *rurbanização* sobre casos europeus, e amparados em David e outros (1971:32), comentamos que, “durante muito tempo a desconcentração urbana se efetuou de maneira contígua, a cidade absorvendo seus subúrbios e apresentando um plano assemelhado a uma mancha de óleo que se espalha”.

Por outro lado, observa-se, sobretudo a partir dos últimos vinte e cinco anos, o crescimento bastante rápido de localidades até há pouco tempo rurais e agrícolas, situadas a pequenas distâncias da cidade, cerca de meia a uma hora de automóvel. Estas localidades, em geral permeadas por construções recentes, isoladas, ou em loteamentos são habitadas por migrantes quotidianos que são e permanecem muito ligados à cidade. É a este fenômeno que se vem denominando *rurbanização*.

A Rurbanização da Meruoca

Postas as fundamentações precedentes, cabem os seguintes questionamentos: o que seria uma *rurbanização* nos contrafortes da Meruoca? O que alimenta tal processo? Como ele se exprime enquanto resultado de comportamentos sociais e como se afirma no sentido de uma expressão física na paisagem? Que interrelações novas se constroem entre a cidade e as áreas *rurbanizadas*? Que tendências assumem as *rurbanizações* na perspectiva da evolução das cidades em torno das quais ocorrem?

No caso de uma *rurbanização* nos contrafortes da Meruoca, verifica-se que contingentes endinheirados da população de Sobral, num processo de “fuga” em que o elevado calor que faz na cidade atua como fator de êxodo e as temperaturas amenas, constantes na Meruoca, agem como fator de atração, estão se deslocando para a zona rural em busca de conforto.

Além deste, que outros fatores contribuem, de fato, para a produção desse espaço em processo de (r)urbanização? Tem a cidade de Sobral força suficiente para impor uma *rurbanização*? Seria a *rurbanização* um fenômeno capaz de ser impulsionado por uma cidade do porte de Sobral?

Desde os idos de 20, momento em que se registram as primeiras investidas, e, em maior intensidade depois de 1970, os sobralenses estão buscando no campo próximo,

até meia hora de automóvel, opções de moradia temporária em melhores condições de conforto que na cidade. A casa de campo entrou em cena, tornou-se aspiração de muitos, constituiu-se elemento de determinação de *status*. Ter uma casa na Serra tornou-se *coisa chique* para a elite de Sobral e é indicador de que econômica e socialmente o indivíduo vai bem.

Passando a residir de forma sazonal na zona rural, estes contingentes populacionais, um percentual reduzido mas expressivo da população de Sobral, em função de sua alta renda, está transformando os arredores num local privilegiado de moradia. Temporadas de verão e *weekends* constituem a forma clássica de deslocamento para esse espaço em *organização* sobre a escarpa sul da Serra da Meruoca, defronte a Sobral.

O espaço que vem se produzindo ao longo da estrada Sobral-Meruoca é, na verdade, uma extensão do crescimento da cidade de Sobral. Os sobralenses estão construindo ali uma segunda moradia e desenvolvendo, por várias razões, uma forma muito peculiar de urbanização, visto que se dá pela via da busca de conforto, lazer e ostentação.

Uma primeira dessas peculiaridades refere-se ao aspecto linear que apresenta essa distribuição espacial. Ditada pelas condições topográficas do lugar, o casario se aloja e se alonga por um vale *y*, em uma extensão principal da ordem de 12 quilômetros e por sucessivas ramificações de 100 m, 200 m, 300 m e 1 000 m (ramal para a cidade de Alcântaras) e que como se fossem gânglios, espalham-se às margens da estrada e vão-se sucedendo *serra acima*.

Outra particularidade importante é o fato de que o fenômeno de imigração que ali se realiza está ligado ao deslocamento de segmentos de população de renda elevada, portanto, com capacidade de introduzir na área processos mais complexos de alteração e mudanças.

Outro aspecto digno de referência é que a ocupação desse espaço não se caracteriza como uma solução para abrigar os sem-moradia, de qualquer nível, de alta, média, baixa, ou nenhuma renda. Ao contrário, o que se constrói ali é uma segunda moradia, outra residência, como opção de lazer, bem-estar e descanso das tensões próprias da vida na cidade, alegação que alguns sobralenses já chegam a fazer, malgrado o tamanho da cidade.

Sobral, uma cidade de 130 mil habitantes, embora que em escala ainda diminuta, já começa a conviver com os problemas urbanos típicos deste final de milênio: violência, insegurança, desorganização do trânsito, poluição sonora, alta incidência de insetos (muriçocas, a espécie mais comum, em Sobral, é a denominada *culex*). Todos estes fatores, aliados à fadiga normal do ano ou da semana de trabalho, sem dúvida, levam ao estresse e um remédio para todos estes males é o *clima da Meruoca*, como se diz na cidade.

Uma outra característica que se impõe com relação ao estudo daquela área, diz

respeito ao fato de que os deslocamentos para o campo, ou no caso, para a *Serra*, não são para uma atividade rural, ou para uma atividade produtiva. Na rurbanização da Meruoca, a exemplo do que ocorre nas rurbanizações que se conhece em qualquer parte do mundo, o vínculo de trabalho da grande maioria dos habitantes continua na cidade.

Outra questão deveras importante, prende-se ao fato de que, juridicamente, o território que abriga essa rurbanização pertence a outra comuna, o Município da Meruoca.

Assim, os impulsos que levam a esta ocupação espacial, contrariando o fluxo dos ventos amenos comuns à *Serra*, não sopram da cidade da Meruoca, mas da cálida Sobral, como centro polarizador. A cidade da Meruoca não exerce nenhum papel mais decisivo na produção desse espaço.

Na hierarquia urbana estadual, sob comando da região metropolitana de Fortaleza, os pólos secundários economicamente mais expressivos são a *conurbação* Juazeiro-Crato-Barbalha (zona sul do Estado) e Sobral (zona norte). Sobral caracteriza-se, deste modo, como um centro urbano importante no contexto da rede urbana do Ceará, destacando-se como pólo comercial e de serviços que comanda uma rede urbana microrregional, formada por cerca de 50 outras pequenas cidades.

A pequena Meruoca, de funções urbanas modestas e de pouca influência sobre a produção do espaço microrregional, pode ser caracterizada como um espaço de certa organização urbana, sem dúvida, mas que apenas se integra espacialmente a essa área rurbanizada. Sobre ela não exerce qualquer influência rurbanizante. A rigor, a cidade da Meruoca, hoje, é uma extensão dessa área rurbanizada, recebendo dela fortes impulsos econômicos.

Com território pertencente alternadamente a Massapê e a Sobral, a Meruoca tornou-se município definitivamente só em 1951, pela Lei Nº 1.153, de 22 de novembro de 1951. O povoado, no entanto, data do longínquo ano de 1727, quando se iniciou a construção da primeira Igreja. A elevação a paróquia ocorreu em 1879, por força da Lei provincial Nº 1799, de 10 de novembro de 1879. A criação da Vila deu-se em 1885, pela Lei provincial Nº 2.090, de 13 de novembro de 1885. Por essa lei se criou também o município de Meruoca, extinto em 1920, pela Lei 1.794, de 9 de outubro de 1920.

A esta urbanização bastante peculiar em desenvolvimento nos *grotões* da *Serra* da Meruoca é que se está conceituando como *rurbanização*.

Da mesma forma que o clima quente da cidade de Sobral, cujas temperaturas oscilam, o ano inteiro, entre os 32º e os 38º graus centígrados à sombra, coloca-se como um fator de estímulo à saída da cidade, o microclima de altitude, na vulgarmente conhecida como *Serra* da Meruoca, com temperaturas variando nas mínimas entre 16º e 20º e nas máximas entre 24º e 28º graus centígrados funciona como fator de atração da elite de Sobral, ávida de lazer e melhor qualidade de vida, sequiosa por

direcionar investimentos para um segmento que lhe dá status - as belas casas e glebas ornadas de piscinas e jardins.

Nesta última década, a concentração de moradias na primeira porção altiplana da Meruoca, ao longo da rodovia Sobral-Meruoca, tem crescido amplamente. Estima-se que nos seus primeiros 5 quilômetros, ou seja, do começo da Nova Floresta até a Palestina, e da bifurcação da Palestina até a cidade da Meruoca, numa extensão de outros 5 quilômetros, existam cerca de 2 mil casas.

Da leitura do trabalho de ANDRADE (1992), depreende-se que por volta da segunda metade da década de 20, impulsionados pela estrada de rodagem Sobral-Meruoca, concluída em 1919, já se formavam os *nós* ou *núcleos* populacionais do que hoje estamos identificando como área rurbanizada da Meruoca: as localidades de Floresta, Palestina e a porção localizada entre São Pedro e a cidade da Meruoca.

Num incentivo a esta ocupação espacial, mais que ao turismo comandado pelo Hotel Ytacaranha, a estrada que dá acesso aos municípios serranos da Meruoca e Alcântara foi pavimentada a asfalto há poucos anos. E incorreríamos numa análise ingênua até, se pensássemos que a velha estrada vestiu-se de asfalto apenas para visitar a Dama da Serra, a centenária Meruoca, ou simplesmente para escoar a sua hoje exígua produção agrícola. Mais correto será afirmar que a velha estrada, sem nenhuma modificação em seu leito original, foi, sim, recoberta por asfalto para servir de tapete para o desfile mais suave da burguesia de Sobral, na direção de suas suntuosas *casas de campo* (ou da Serra).

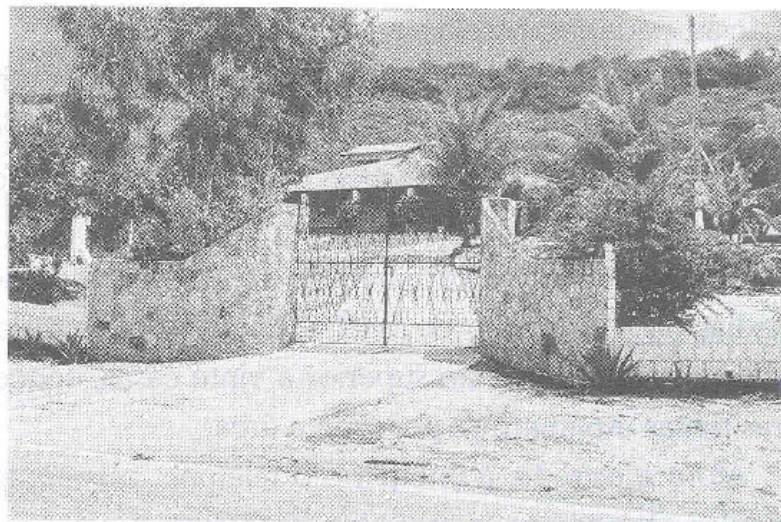


Foto 1 - Sítio na Serra da Meruoca

Nada de errado com isso. Embora tênues, são alguns impulsos econômicos que sobem a Serra, indo levar-lhe infra-estrutura, redistribuir renda e benefícios do progresso e gerar empregos ou ocupações por espaços próximos mas não sobralenses.

A posse de uma gleba, uma chácara, uma casa com piscina ou sem piscina, um pomar verdejante ou um jardim florido, estão se transformando em realidade que as classes A e B de Sobral vêm viabilizando, ultimamente, em maior intensidade, em



Foto 2 - Casa de construção antiga em sítio (Serra da Meruoca)

razão da onda turística que invadiu a serra, a partir do momento em que um equipamento de alguns milhões de reais - o hotel de cinco estrelas Ytacaranha - começou a ser construído nas encostas da Serra da Meruoca.

Como a área nunca foi de grande densidade populacional, sua ocupação demográfica se deu em razão do algodão, de pequenos engenhos de rapadura, alambiques de cachaça e da fruticultura centrada na banana, os efeitos da lenta rurbanização que ali se opera não produziram maiores transformações sociais ou espaciais.

O lugar, apesar dos 60 anos de uma lenta ocupação, não apresenta características de uma urbanização na forma clássica. O aglomerado não tem cara de cidade. Inexistem equipamentos urbanos como lojas, supermercados, mercearias, boutiques, farmácias, padarias, escolas, postos de saúde ou outros. São mínimos os arruamentos, as obras d'arte, a pavimentação. Uma bodega aqui, outra acolá, suprem as demandas dos nativos e atendem às pequenas conveniências dos demais. O abastecimento dos novos habitantes, os *rurbanizados*, ocorre mesmo em Sobral. O vai-e-vem diário permite que assim ocorra.

Ao longo da área rurbanizada não há aglomerados que se assemelhem a sub-moradias ou a formação de favelas, como tantos em Sobral. Uma pequena presença de sub-moradias, mas não superior a vinte casas, concentra-se na vila da Palestina e outras tantas espalham-se por toda a área.

Afora a estrada, a energia e o telefone, o restante da infra-estrutura da área é particular. Os acessos às casas são precários. A água e o sistema de escoamento dos dejetos são soluções domésticas que começam a causar algumas preocupações. As águas que correm nos pequenos regatos, o ano inteiro, estão poluídas, em virtude do inadequado uso das terras nas cabeceiras e vertentes. Os poços e cacimbas domésticas vêm apresentando problemas com a água, como os de "capa-rósea", "água salobra" e coliformes.

As imagens e o imaginário do lugar

A área rurbanizada da Meruoca tem a feição de um vasto pomar, onde se sobressaem na paisagem árvores frutíferas como o abacateiro (*Persea gratissima*, Gaertn.), o cajueiro (*Anacardium occidentale*, Lin.), o sapotizeiro (*Achras sapota*, Lin.), o coqueiro (*Cocos nucifera*, Lin), as ateiras (*Anona squamosa*, Lin), as mangueiras (*Mangifera indica*, Lin) e algumas variedades de palmeiras (*Phoenix dactylifera*, Lin). Entre os cítricos, destacam-se diferentes variedades de laranjeiras (*Citrus sinensis*, Osb), o limoeiro (*Citrus limonum*, Risso). O plantio de bananeiras (*Musa paradisiaca*, Lin.) muitas vezes domina o fundo das chácaras mais amplas. Ao lado do algodão (*Ipomea fistulosa*, Mart.), da cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*, Lin), do café (*Coffea arabica*, Lin), da rapadura (açúcar mascavo, solidificado e em forma de tijolos) e da cachaça (aguardente produzida da cana de açúcar), a banana foi por muito tempo importante fonte de renda na Serra.

Mas, a história dessa área poderia ter sido outra, não tivessem fracassado os sonhos e o romântico projeto de Jonh Roshore Sanford. Na primeira fase do que hoje se identifica espacialmente como uma área de rurbanização sob a influência de Sobral, um fato importante ocorreu e poderia ter comandado diferentemente o processo de ocupação territorial, sobretudo, no setor mais próximo à cidade da Meruoca.

Nos idos de 1909, no Sítio Monte, nas proximidades do atual Hotel Ytacaranha, Jonh Sanford, um nova-iorquino, comerciante de couro, intermediário de empresas norte-americanas, com demorada passagem por Recife e Fortaleza, e que depois casou-se com a sobralense Minervina de Almeida Monte, de tradicional família local, trouxe pesado maquinário dos Estados Unidos da América e implantou ali a primeira agro-indústria que se tem notícia na Zona Norte. Sua usina destinava-se à produção de açúcar mascavo.

Ao fato, refere-se SANFORD (1985:125), em seu livro *A Família Sanford no Ceará*:

[a força motriz, substituíu no "Monte", em grande parte, a força animal, acionando o grande engenho de moer cana, a casa de farinha; as máquinas para o beneficiamento do café; as debulhadoras de milho, a turbina de açúcar em cuja indústria o Major Sanford foi o pioneiro no Estado do Ceará, fabricando o açúcar turbinado e mulatinho; este último de grande aceitação no comércio de Sobral, Santana e Massapê].

(in SANFORD, Paulo de Almeida - *A Família Sanford no Ceará - Fortaleza*, 1985, p.125).

Mais recentemente, impulsos econômicos de outra ordem começaram a chegar à área. O principal deles foi a construção e exploração de um hotel turístico de alta linhagem - o Hotel Ytacaranha (60 empregos diretos na baixa estação) . No contexto da

ocupação espacial, aqui objeto de estudo, este equipamento de grande porte exerce função importante. Funciona como *extensor turístico*, ou seja, como propulsor do surgimento de outros equipamentos. No novo espaço produzido, depois da implantação do Hotel Ytacaranha, surgiram balneários, bares, restaurantes, mercearias e desencadeou-se um outro fenômeno novo: o processo de repartição e apropriação do espaço através de loteamentos. Este processo, num futuro certamente próximo, irá provocar uma maior concentração de casas, ali. Essas iniciativas são reflexos do capi-

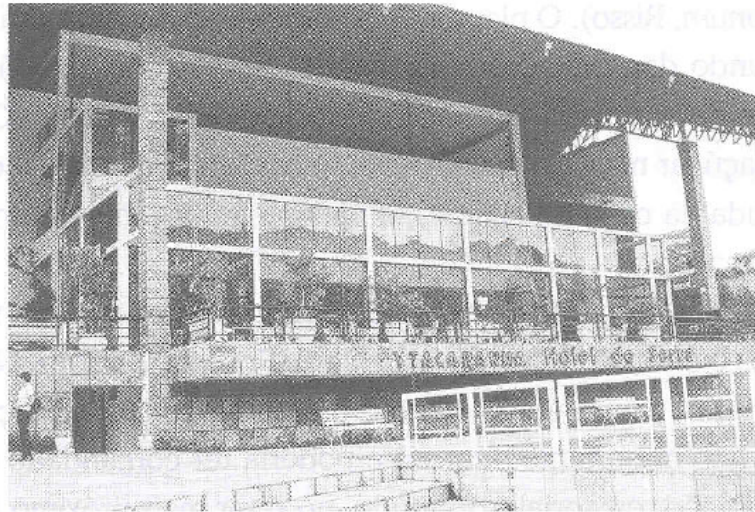


Foto 3 - Hotel Ytacaranha

tal que circula por Sobral e fatores que irão reforçar ainda mais o poder de atração de investimentos em moradias que a Serra já detém, em razão de suas condições climáticas favoráveis.

Analisando de maneira mais ampla essa rurbanização, não se pode deixar de fazer referência a um determinado processo de segregação espacial que ali se desenvolve, em virtude das novas formas de produção do espaço. O vilarejo Palestina, uma comunidade pobre, de arruamentos simples, de menos de 150 casas e um pouco mais de 400 habitantes, emerge como um espaço segregado, confinado entre as glebas apropriadas por segmentos da população rica de Sobral. A idéia que se tem dali, é a de que ninguém entra e ninguém sai. Há décadas permanece a mesma população e o mesmo número de casas. A vila, por várias razões, não tem capacidade de crescimento: a maioria dos jovens logo migra em busca de trabalho, Sobral está bem perto e é permanente fator de atração para os pais de família. Ficam as crianças e os idosos.

A Palestina, de formação que remonta ao começo do século, formou-se de maneira espontânea e ao redor de uma pequena Igreja católica que tem São Francisco como orago. Seu surgimento se deu através da fixação de indivíduos que eram, ou *excluídos* dos sítios próximos, ou que queriam deixar de ser *moradores* e "ter seu próprio chão", ou que ali vinham em busca de trabalho agrícola, entre 1910 e 1960, período em que a Serra desenvolveu melhor sua capacidade de produção. Em processo mais espontâneo, as glebas ou chácaras eram comumente apropriadas mediante he

rança ou através da venda indivíduo a indivíduo. Atualmente, os *promoteurs* começam a especular abertamente sobre a área, através dos diversos loteamentos ali encontrados.

LUSTOSA DA COSTA (1987:135), registrando as peripécias de Deolindo Barreto, o polêmico jornalista sobralense, *en passant*, dá conta da existência da Palestina já em 1915:

[Desferindo golpes semanais contra a oligarquia sobralense, Deolindo não parece se dar conta do ódio que desencadeia, das inimizades que semeia.

Porta-se de maneira tão descuidada que avisa, através do seu jornal, o que vai fazer no próximo fim de semana. Subiria a serra da Meruoca, a Petrópolis sobralense, onde os ricos tinham casas de veraneio. Iria assistir ao novenário de São Francisco na capela da Palestina, conduzido por seu amigo, padre Leopoldo Fernandes. Dia seguinte, haveria, mais uma vez, de encarar os gordos pirões do sofisticado Alberto Amaral, na Tijuca.

É o que anuncia, a 29 de setembro de 1915, ano de seca que inspirou a Rachel de Queiroz "O Quinze"].

(In LUSTOSA DA COSTA, Francisco José - *Clero, Nobreza e Povo de Sobral* - Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1987, 168 p.).

Os registros de ANDRADE (1992), narrando histórias e fatos do lugar, referem-se a uma romântica Palestina das décadas de 20 e 30:

[Por muito tempo a Palestina foi famosa por suas festas de caráter religioso. No mês de dezembro ocorria a festa do padroeiro, São Francisco de Assis. O novenário completo era organizado de tal modo que o dia da festa caísse invariavelmente num domingo, contrariando o calendário litúrgico, tendo em vista a maior afluência aos atos religiosos e, em conseqüência, uma maior renda para a igreja. Era um sucesso memorável, quando o vilarejo se tornava irreconhecível, tamanha a multidão que se acotovelava nas suas estreitas dimensões.

As novenas eram freqüentadíssimas, não só pelos habitantes da região, mas sobretudo pelos veranistas e pelo pessoal que deixava Sobral nos sábados e domingos, servindo-se dos mais variados meios de transporte.

(In ANDRADE, Plácido Marinho - *Sobral - Humor e Prosa* - Edições do Autor, Sobral (CE), 1992, p.111].

Apesar das dificuldades de locomoção, a estrada era carroçável e o transporte por animais, o lazer na Meruoca se intensificou de tal modo, a essa época, assinala o mesmo ANDRADE (1992:107), que levou Francisco Porfírio da Ponte a manter, em Sobral, "uma récuca de 30 cavalgadas, entre burros e cavalos, para aluguel aos rapazes da cidade que subiam a serra no sábado e só retornavam na segunda-feira".

Com o declínio da agricultura depois de 60, e a corrida para o Sudeste que se industrializava, as atividades produtivas que a população da Floresta, Palestina ou São

Pedro desenvolvia e que antes eram de natureza rural e agrícola, passaram a caminhar em outras direções. O emprego doméstico é, agora, a atividade que começa a se sobressair e a aglutinar as pessoas que ali residem e que não trabalham em Sobral ou na cidade da Meruoca. São indivíduos que de possíveis agricultores estão se tornando caseiros, cozinheiros, garçons, vigilantes. Antigas bordadeiras e doceiras estão se transformando em lavadeiras, garçonetes, cozinheiras e arrumadeiras.

Quem ali colocou e o que realmente quis dizer o responsável pela inscrição de um provérbio latino nas paredes rotas de uma casa no meio do mato? Certamente não foi um indivíduo qualquer. Quem assim procedeu queria transmitir mensagens.

A expressão latina *festina lente*, cuja equivalência mais apropriada em português

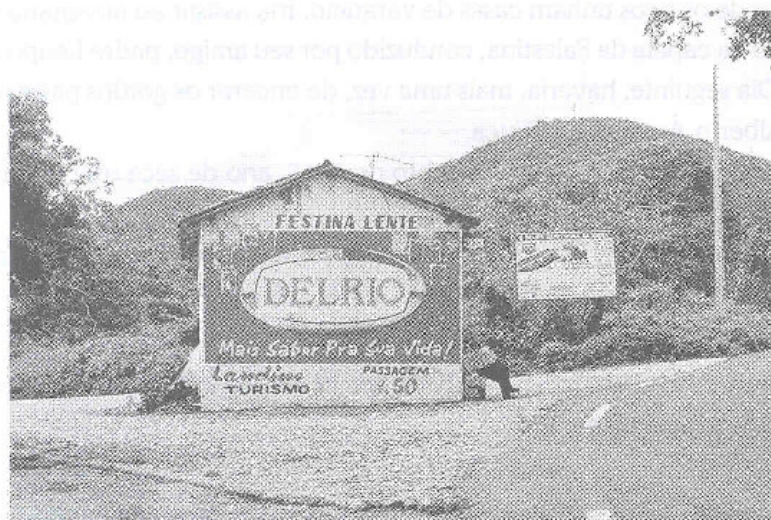


Foto 4 - "Festina Lente"

seria *devagar se vai ao longe*, há decênios inscrita no oitão da taberna que se postando sobre a estrada, impõe a sua bifurcação para a vila da Palestina e para a cidade da Meruoca, como que indica o ritmo das coisas naquele lugar.

A velha bodega, envolvida no amplexo da estrada e sempre de portas abertas para servir uma "caninha de cabeça", é um convite sereno para que ali se pare e ponha-se o *combustível* necessário às agruras da subida da Serra.

Noutras palavras, a velha taberna ensina que *devagar e com a ajuda de uma cachacinha* se vai aos longes da Serra, mesmo a pé, como até bem pouco, quando o caminhão e o automóvel ainda eram "avis rara" por aqueles lados; ou no lombo do burro, como os comboieiros de rapadura para a feira de Sobral; ou simplesmente seguindo os animais, que em fila "quase indiana" e parecendo manadas em busca do bebedouro, conduziam escassas cargas de algodão para o usufruto da Usina Ernesto Deocleciano. Com áreas de cultivos limitadas ao sopé da Meruoca, o algodão jamais foi a principal produção da Serra.

Devagar se vai ao longe simboliza os cuidados com que o viajante deve enfrentar as ladeiras e sinuosidades da velha estrada, de "trajeto ditado pelo animal que condu

zia a carga e não pelo homem que o seguia”, como de resto é a origem das primitivas estradas de montanha no mundo inteiro. *Devagar se vai ao longe* representa a longevidade que buscam os sobralenses que ali vão para o repouso por todo o verão ou por simples fins de semana. *Devagar se vai ao longe* pode significar também a lentidão com que nos arredores dessa rurbanização, os pobres convivem com o atraso e a exclusão e não tendo outra saída, resignados e de olhos fitos no alto da serra, onde se ergue a “Cruz da Romana”, rogam a Deus proteção, esticando ainda mais uma fé que já tamanha e alimentando a lenda que perpetua a inominável tragédia ali vivida pela mocinha de nome Romana, escrava fugitiva de Senhores de Sobral, ali sacrificada por “Capitães de Mato”.

A população nativa que vive nos pequenos sítios e *culs de sac*, presentes na área, tem ainda acesso muito reduzido aos avanços e benefícios do progresso que rondam aquelas plagas. Os bancos escolares e os postos de saúde ainda estão distantes para muitos. O calazar é ali um parasita que assusta e infesta. Os meios de transporte ainda são objetos escassos por aquelas paragens. A “enxada, o coronelismo e o voto de cabresto” são expedientes que ainda passeiam com desenvoltura naqueles grotões em processo de rurbanização. O poder político regional tem também ali endereços famosos.

À guisa de conclusão podemos afirmar que, sem dúvida, estamos diante de uma rurbanização *sui generis*. Segundo ANDRADE (1992:107), “de 1919 até 1925, mais ou menos, o pólo de lazer da serra da Meruoca era a cidade de mesmo nome”. Assim, o processo de produção dessa rurbanização deveria resultar mais fortemente de influxos da Meruoca, a cidade mais próxima. No entanto, numa evidenciação de que “é a cidade que faz a região”, ou que a polarização é um processo que comanda uma vasta área, esta rurbanização exhibe, de maneira muito particular, a captura e produção por Sobral - o pólo principal - de um espaço distante, localizado na parte mais tênue de seu cone de influência. Em linguagem mais compreensível, pode-se afirmar que a *rurbanização da Meruoca* encerra valores, estilos e aspirações da elite que se sobrepõe, no caso a elite de Sobral. Noutras palavras, a *rurbanização da Meruoca* tem mesmo é a *cara de Sobral*.

Bibliografia

- ANDRADE, Plácido Marinho - *Sobral - Humor e Prosa* - Edições do Autor, Sobral, 1992. 227 p.
- BAUER, G. et ROUX J. M. - *La Rurbaisation ou la Ville Épparpillée* - Le Seuil - Paris, 1976, p. 192.
- BRITO, Ivo e TARGINO, Ivan - *O Fato Urbano em Região Monocultora: industrialização agrícola e ruralização urbana*. Trabalho divulgado em fotocópia. João Pessoa, 1987, 5 p.
- CASTELLS, Manuel - *Problemas de Investigacion en Sociologia Urbana* - Buenos Ayres, Siglo Vintiuno Argentina Editores S. A. 194 p.
- COELHO, Modesto Siebra - *A Noção de Rurbanização* - Boletim do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa - PB, Boletim Nº 8 - outubro de 1988. p. 35-44,

- _____ - *A Noção de Rurbanização* - Revista Tecnologia e Ciência, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, out/dez. de 1988, pág. 149-153.
- COSTA, Francisco José Lustosa da - *Clero, Nobreza e Povo de Sobral* - Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1987, 168 p.).
- DAVID, Jean et alli - *Problématique et Méthodes d'Analyse de la Rurbanisation* - Institut de Géographie Alpine et Université Scientifique et Médicale de Grenoble, 1979, p.167.
- FREYRE, Gilberto - *Rurbanização: Que é?* - Editora Massangana, Recife, 1982, 153 p.
- LEFEBVRE, HENRI - *O Direito à Cidade* - Editora Documentos Ltda, São Paulo, 1969. 133 p.
- LUSTOSA DA COSTA, Francisco José - *Clero, Nobreza e Povo de Sobral* - Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1987, 168 p.
- MELLO, José Octávio -de Arruda - *Geo-História e Formação de Cidades na Paraíba* -, p. 50-70 - in José Américo e a Cultura Regional - Fundação Casa de José Américo - João Pessoa , 1983, 152 p.
- SANFORD, Paulo de Almeida - *A Família Sanford no Ceará* - Fortaleza, 1985, 200 p.
- SANTOS, Milton - *Por uma Geografia Nova* - São Paulo, Hucitec - Editora da Universidade de São Paulo, 1979, 236 p.
- _____ - *Economia Espacial - crises e alternativas*. São Paulo, Hucitec - Editora da Universidade de São Paulo, 1979, 167 p. p.
- _____ - *A Urbanização Desigual - A especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos* - .Petrópolis, Editora Vozes, 1980, 125 p.
- SARMENTO, Walney Souza Moraes - *Sociologia Rural - Seleção de Textos*. Salvador. Universidade Federal da Bahia, 1978, 229 p.